

BRASÍLIA TAMBÉM É UMA CIDADE JORNAL DE BRASÍLIA QUE CANSA

Marcello Farias
da equipe do Jornal de Brasília

A falta de locais apropriados para um lazer a baixos preços; desniveis salariais; diferenças entre os que moram no Plano Piloto e os que vivem nas cidades-satélites; desequilíbrio entre os espaços exteriores (áreas verdes) e os espaços interiores (pequenos apartamentos); origens da população imigrada das várias regiões do país; tudo isto está conduzindo Brasília para a vala comum dos grandes centros populacionais, onde o cansaço, a ansiedade, a neurastenia - enfim, o stress - chega mais cedo ou mais tarde.

Klauss Woortman, professor da Universidade de Brasília e autor de vários trabalhos sobre sociologia urbana, entre eles um sobre As Estruturas Familiares nos Alagados da Bahia, diz que existem tensões em todas as áreas de vida social, principalmente nas áreas urbanas pontos de encontro entre a área rural e o elemento da cidade.

No entanto, ele faz questão de frisar que "seria melhor falar em tensões sobre determinados tipos de cidade. Tensões estas causadas por certos tipos de sistemas sociais". Em regra geral, explica o professor Woortman, existem dois tipos de processos urbanizadores: a urbanização generalizada e a urbanização de cidade.

No primeiro caso, os processos e benefícios urbanísticos estenderam-se já por todas as zonas de ocupação. Tanto à zona rural como à zona urbana não havendo portanto, nenhuma dificuldade para a aplicação do elemento rural ao meio urbano. No segundo caso, os benefícios da urbanização só atingiram mesmo os moradores das cidades. Isso forçosamente ocasiona um desnível entre o habitante da zona rural e o das cidades gerando, por conseguinte, um choque.

Em Brasília observa-se um quadro urbanístico onde há um desnível acentuado entre as duas zonas de ocupação: o Plano Piloto e as cidades-satélites. Um primeiro fator de tensão é a desigualdade econômica decorrente dessa polarização.

Outro fator segundo Woortman, é a crescente diminuição do espaço vital - o espaço dos apartamentos. A medida em que os apartamentos diminuem de tamanho aumenta o número de membros do sistema familiar. Isso leva normalmente a uma tensão de ordem econômica.

O contraste entre o tamanho da família e o espaço residencial é um foco de constantes angústias e pressões sociais.

Nas cidades-satélites, esse problema de espaço ocorre de maneira semelhante. Grandes famílias, geralmente emigradas do Nordeste, vêem-se forçadas a residir em pequenas casas, repetindo um quadro sintomático, muito comum nas suas regiões de origem de onde emigraram por não terem melhores condições de vida.

O deslocamento das populações da zona rural para a cidade é forte determinante dos conflitos. O elemento que emigra da zona rural demora muito para se integrar na vida urbana, permanecendo nas mesmas condições de marginalização em que vivia antes. Na cidade ele localiza-se nas zonas periféricas, ou em favelas mantendo assim a mesma condição de marginalidade que pensava abandonar ao emigrar da zona rural.

Em resumo, diz o professor Woortman, há uma espécie de ciclo sócio-econômico em Brasília, ocasionando as tensões: a economia de cunho capitalista estabelece condições diversas do sistema econômico das populações rurais. Une-se a esses dois fatores um excesso populacional que se verifica nas zonas urbanas complementado por um acentuado decréscimo nos salários oferecidos à mão-de-obra desqualificada.

Em Brasília, essa polarização ocorre mal o contingente chega. Não há uma infra-estrutura imobiliária capaz de receber os imigrantes, pois todos os negócios imobiliários estão nas mãos de uma classe de maior poder aquisitivo. Assim há uma expulsão natural do contingente pobre para as cidades-satélites.

Nas zonas periféricas a população passa a assimilar padrões de vida específicos da classe média. Esta assimilação, no entanto, é feita sob padrões totalmente subjetivos, o que ocasiona uma frustração por parte da população mais pobre, que passa a aspirar a um estilo de vida, que suas condições econômicas não podem permitir. O clima de angústia e tensão gerado por tais frustrações é, para o professor Woortman, inevitável.

— Brasília oferece vantagens, mas só aos que pertencem à classe-média. Além disso, Brasília repete os mesmos desniveis observados em outras capitais do país, como Rio ou São Paulo.

Os psicólogos têm uma posição bastante arrojada e curiosa: para eles as tensões de Brasília originam-se no péssimo aproveitamento do espaço da cidade. Para o professor Carlos de Almeida Vieira, psiquiatra e responsável pela cadeira de

psicopatologia do Departamento de Psicologia da UnB, o problema de Brasília é um caso digno de um estudo sobre psicopatologia do espaço.

— Explica:

— Quem chega a Brasília tem na memória, e na sua vivência passada um espaço limitado. As grandes cidades são um exemplo disso. Há pouco espaço para muitas pessoas, o que gera a agitação e todas as correrias típicas de cidades grandes. Em Brasília, há o inverso e as pessoas, quando chegam não sabem como usar o enorme espaço que a cidade oferece, um espaço quase infinito.

— Os mais velhos sentem uma espécie de angústia, provocada por um paradoxo, ao mesmo tempo em que se sentem oprimidos pelos pequenos apartamentos, sentem medo de sair para o espaço aberto oferecido pela cidade. A contradição é o germe da angústia do brasiliense, angústia agravada pela inexistência de um ponto de encontro de grupos, o que é essencial a uma perfeita convivência das pessoas.

Os jovens, para o professor Carlos, não sentem muito esse tipo de tensão. Eles já estão aprendendo a usar o espaço vazio da cidade, já estão aprendendo a sentir o aberto que a cidade oferece. Eles não vivem como os mais velhos, confinados em apartamentos.

— A tão falada monotonia é um mero efeito do mau uso desse espaço. No Rio, ou em São Paulo, você sente que é invadido pelo espaço, ou, antes, pela falta desse espaço. Em Brasília, você se depara com a antítese disso tudo. Há um exagero espacial que não é aproveitado. É como uma passagem súbita da clausura para o aberto.

Como uma solução para este problema, Carlos, sugere a criação do que ele chamaria de "acidentes" polarizadores das atenções públicas. Esses "acidentes" seriam pontos de encontro como o Ibirapuera em São Paulo, ou como a Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro.

Um outro fator apontado pelo especialista, em tensões nervosas e psicológicas da UnB, é a uniformidade visual que a cidade oferece:

— Em Brasília, os edifícios, o traçado urbanístico, todas as coisas não mudam, digo, não mudam visualmente. Há uma constância visual, que gera uma estafa, cuja causa está justamente nessa monotonia visual.

Além disso, o especialista aponta outro paradoxo da cidade. É o fato dela ser especialmente construída para o trabalho burocrático, não possuindo características de lazer como, por exemplo, parques, praças ou uma vida esportiva intensa.